

Redenção

Obra redigida sob inspiração de Pai João Guiné
e do Senhor Exu 7 Capas

Carlos Fernando Canellas

Copyright © 2020 de Carlos Fernando Canellas

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.

Primeira edição, 2018
ISBN 978-65-00-03984-9

Revisão
Márcia Cristina dos Santos



Tenda Fraterna
Cruzeiro Bendito
tendafraternacruzeirobendito.br

*Para Eduardo,
meu Raio de Sol*

HISTÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS. NOMES DE PERSONAGENS, LOCAIS E CIRCUNSTÂNCIAS FORAM ALTERADOS PARA PRESERVAR OS ENVOLVIDOS.

Sumário

Apresentação e Agradecimentos	7
Capítulo 1.....	8
Capítulo 2.....	20
Capítulo 3.....	34
Capítulo 4.....	44
Capítulo 5.....	57
Capítulo 6.....	70
Capítulo 7.....	83
Capítulo 8.....	96
Capítulo 9.....	108
Capítulo 10.....	120
Obras do Autor.....	134

Apresentação e Agradecimentos

Irmãs e irmãos em Oxalá, saudações!

Apresento a quarta obra inspirada, “Dissidentes”; este quarto livro possui duas particularidades interessantes. A primeira, o fato de sua redação começar imediatamente após o término da revisão da obra precedente, “Dissidentes” durante a pandemia do Covid-19 (novo coronavírus); para as duas obras, o tempo de quarentena foi fundamental para a redação.

A segunda particularidade foi o fato de sua produção ocorrer quando minha vida espiritual recomeçou a reflorescer.

Quando os meus mentores, Pai João Guiné, o senhor Baiano Firmino e o senhor Exu Sete Capas começaram a me inspirar esta obra notei que sua redação seria muito rápida, pois dei-me conta de que ela já estava presente em algumas práticas de trabalhos deles, como também de minhas pesquisas e estudos.

Então, meu primeiro agradecimento, sem dúvidas a Deus que me concedeu estes mentores maravilhosos e claro, à eles, que aceitaram me tutelar.

Agradeço também à minha corrente mediúnica que compreendeu toda a problemática da ausência de um terreiro físico e que se empenhou a ajudar como fosse quando as necessidades surgiram.

E por último, mas não menos importante, agradeço à Augusta da Fonseca Ferreira que mais uma vez assistiu-me me isolar horas sem fim para a produção desta obra.

Guta, mais uma vez, obrigado por sua compreensão e pelo seu sacrifício! Te amo!

Capítulo 1

Um grande círculo, com a pomba branca, foi aberto pelo cambone, grande o suficiente para caberem, confortavelmente, quatro pessoas; em seguida, conforme havia orientado o preto velho, dois riscos foram traçados dentro daquele círculo, um horizontal e outro vertical de modo que os dois traçados cruzassem no centro do círculo.

Posteriormente, foram entregues ao preto velho quatro copos de vidro com água. A entidade pegou o primeiro copo, soltou a fumaça de seu cachimbo em seu interior e fez o sinal da cruz; repetiu o gesto com os demais copos, ordenando-os que fossem postos nas pontas dos traços do círculo.

Pedi em seguida uma vela branca. Acendeu-a e assim como fez com os copos, também fez com a vela, sendo depositada a mesma no centro do círculo, no ponto de encontro dos traços.

Estava o preto velho compenetrado de tal forma, que sequer deu importância para um obsessor que dava trabalho para outro preto velho e dois cambones que logo conseguiram controlar a situação.

Enquanto a gira corria firme, com entidades benzendo, trevosos sendo afastados e doentes curados, o preto velho preocupou-se tão e somente com o que estava fazendo.

– Zifio, agora tu faiz assim: pega uns maçu daquelas arruda e contorna esse círculo branco, faiz favo! – E foi prontamente atendido.

Outros dois cambones estavam em silêncio absoluto, já preparados para trazer uma jovem que estava na assistência, alienada, numa cadeira de rodas.

– Ô minina, chama aquela menina... – disse apontando para uma médium que até o momento não havia incorporado como combinado antes da gira começar.

– A Antônia vô? – Respondeu o cambone.

– Sim... ela memu, – respondeu o preto velho.

E antes mesmo do cambone sair para buscá-la, ela ouvi em alto e bom som uma gargalhada:

– HA, HA, HA! Agora vai azeda para ele!

Antônia, uma moça de altura mediana, afro-descendente, magra, de rosto bem definido, olhos negros e lábios finos aproximou-se. Abaixou até o preto velho, pegou sua mão e disse:

– Benção vô!

– Nosso Senhor Jesus Cristo te abençoe fia. Pelu vistu o home da capa ta si sigurano pra faze o que deve faze né? – Disse a entidade para a médium.

– Sim vô... estou que não agüento mais! – Disse a moça.

A entidade nada respondeu. Ficou apenas a fumar e dar passes na menina. Para quem não tinha visão, eram apenas passes, mas para quem tinha condições para ver, via-se uma conversar entre um preto velho e um exu:

– Não agüento mais esse traste tratar com tanta crueldade aquela menina. E você sabe que me foi dada a autorização para levar *isso*, comigo!

– Sim, sim, eu entendeu e sei bem que foi dada tal autorização. Mas ti peçu qui tudo ocorra sem estardalhaçu!

– Oras, você me conhece! Sabe que não sou de fazer essas coisas! – Respondeu o exu.

– Mas não é di ocê que to falandu! – Disse o preto velho, – to falandu da moça... ela ta muito irritada... num quéru outra querela contra ela.

– Acredite ancião... também não quero! Já falei com ela e a única coisa que irá fazer será puxar o obsessor e fechar o ponto.

– Hum, pois bem intaum... que se faça assim... – disse o preto velho se afastando energeticamente da vibração do exu vindo a voltar sua atenção para Antônia.

Em seguida ela levantou-se e se posicionou entre o congá e o círculo. O preto velho levantou o braço, solicitando à curimba que se silenciasse e com um tom de voz firme, mas gentil, disse:

– Chama o hómi!

Mestre Abreu, homem baixo, na casa dos trinta anos, magro, ligeiramente calvo, e de barba rala, começou a rufar seu atabaque, sendo seguido pelos outros dois rapazes, Agenor e Henrique e em seguida, mestre Abreu cantou:

– Apague a luz, acende a vela, que a magia vai começar,
– sendo seguido pelos seus pupilos, que emendavam, –
Umbanda sem exu não existe, umbanda sem exu não há!
Acende uma vela preta, igual a esse exu ninguém vai encontrar.

Antônia não teve tempo sequer de fazer um sinal da cruz pois seu exu manifestou-se de imediato.

Atravessou o corredor formado pelas cadeiras da assistência para saudar a tronqueira; voltou e saudou o congá, o atabaque e por fim, o preto velho. Abaixou-se diante do círculo aberto, bateu com as junções das falanges da mão esquerda três vezes e entrou no círculo.

– Minha pinga! – Gritou para algum cambone lhe trazer, recebendo-a de imediato, – este é um trabalho feito nas vibrações de um pai nosso com a força da encruza, – disse.

Encheu a boca com uma quantidade considerável de pinga e espargiu o conteúdo dentro do círculo.

– Meu charuto? Cadê? – Recebeu o fumígeno, acendeu, tragou-o com vigor e bafou a fumaça no ponto central do círculo, sobre a vela. Cruzou os braços e ordenou, – tragam a menina!